



A Santa Sé

**DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II
AO PATRIARCA ECUMÉNICO BARTOLOMEU I
POR OCASIÃO DA SOLENIDADE
DOS SANTOS APÓSTOLOS
PEDRO E PAULO PADROEIROS DE ROMA***29 de Junho de 2004*

Santidade

Venerados e amados Irmãos

*do Patriarcado Ecuménico*¹. Bem-vindos em nome do Senhor! Dirijamos-lhe a nossa acção de graças, porque no dia de hoje nos concede encontrar-nos, na *Festa dos Santos Pedro e Paulo*, venerados também pela Liturgia ortodoxa como *Protóthronoi*, ou seja, aqueles que se sentam nos primeiros tronos. Além disso, damos graças a Deus comemorando em conjunto o feliz encontro que teve lugar há quarenta anos, entre o meu venerado Predecessor, o Papa Paulo VI, e o venerado Patriarca Atenágoras I. Tal encontro teve lugar em Jerusalém, onde Jesus foi elevado sobre a Cruz para redimir a humanidade e para a congregar na unidade. *Como foi providencial este encontro para a vida da Igreja*, corajoso e ao mesmo tempo jubiloso! Impelidos pela confiança e pelo amor a Deus, os nossos iluminados Predecessores souberam ultrapassar os preconceitos e as incompreensões seculares, e ofereceram um exemplo admirável de pastores e guias do Povo de Deus. Descobrimo-nos como irmãos, eles foram invadidos por um sentimento de profunda alegria, que os levou a retomar com confiança as relações entre a Igreja de Roma e a Igreja de Constantinopla. Deus os recompense no seu Reino!² Santidade, é com grande afecto que o recebo. Sinto-me verdadeiramente feliz por hospedar Vossa Santidade nesta casa, em que está viva a memória dos Santos Apóstolos. Juntamente com Vossa Santidade, saúdo agora aqueles que o acompanham e, de modo particular, os Arcebispos Metropolitanos e a Delegação do Patriarcado; saúdo também o Grupo de fiéis da Arquidiocese greco-ortodoxa da América, e o Grupo de Professores e de Estudantes do Instituto de Teologia Ortodoxa de Estudos Superiores de Chambésy, acompanhados pelo Bispo Makarios. Agradeço a todos a cordial presença. Ao longo destes quarenta anos as nossas Igrejas, nas suas relações, viveram *importantes ocasiões de contacto*, que favoreceram o espírito da reconciliação recíproca. Não nos podemos esquecer, por exemplo, do intercâmbio de visitas entre o Papa Paulo VI e o Patriarca Atenágoras I, em 1967. Além disso, conservo a memória viva da minha visita ao Fanar, em 1979, e do anúncio, com o Patriarca Demétrio I, do início do diálogo teológico. Além disso, recordo-me da visita a Roma do Patriarca Demétrio I em 1987, e a de Vossa Santidade em 1995, que foram seguidas de outras significativas ocasiões de encontro. Trata-se de grandes *sinais do compromisso comum, em vista de continuar a percorrer o caminho empreendido*, para que se realize quanto antes a vontade de Cristo: *ut unum sint!*³ Ao longo deste caminho, *representaram um peso a recordação das dolorosas vicissitudes da história do passado*. De modo particular, na presente circunstância, não podemos esquecer aquilo que aconteceu durante o mês de Abril do ano de 1204. Um

exército, que partiu para recuperar a Terra Santa à cristandade, dirigiu-se rumo a Constantinopla para a tomar e saquear, derramando o sangue dos irmãos na fé. Como deixar de compartilhar, a oito séculos de distância, também nós, a indignação e a dor que, ao receber a notícia de quanto tinha ocorrido, o Papa Inocêncio II manifestou imediatamente? A este propósito, ajuda-nos a admoestação do Apóstolo Paulo: *"É verdade que a minha consciência de nada me acusa, mas isto não significa que eu seja inocente: quem me julga é o Senhor. Ele iluminará tudo o que se esconde nas trevas e manifestará as intenções dos corações"* (1 Cor 4, 5). Por conseguinte, rezemos a fim de que o Senhor da história purifique a nossa memória de todos os preconceitos e ressentimentos, e nos conceda progredir livremente ao longo do caminho da unidade.⁴ É para isto que nos convida também o exemplo deixado pelo Patriarca Atenágoras I e pelo Papa Paulo VI, que no dia de hoje estamos a comemorar. A recordação daquele encontro favoreça um passo em frente no diálogo e no fortalecimento das relações mútuas de fraternidade. Em vista desta finalidade o diálogo teológico, através da "Comissão mista", permanece um instrumento importante. Por este motivo, formulo votos a fim de que ele seja restabelecido quanto antes. Com efeito, estou persuadido desta urgência, e a vontade minha e dos meus colaboradores consiste em valer-nos de todos os instrumentos para alimentar o espírito de acolhimento e de compreensão recíproca, na fidelidade ao Evangelho e à Tradição apostólica conjunta. O que nos impele ao longo deste itinerário é o mandamento antigo e sempre novo do amor, que o Apóstolo Paulo fazia ressoar nas suas conhecidas palavras: *"Amai-vos uns aos outros com afecto fraternal, rivalizando na estima mútua"* (Rm 12, 10).⁵ Confio estes propósitos de reconciliação e de plena comunhão aos Santos Apóstolos, que hoje estamos a recordar. Invoquemo-los com confiança, para que a sua protecção celestial nos revigore na fé e nos torne perseverantes, procurando realizar quanto antes a vontade de Cristo. Que nos obtenha esta dádiva Maria, Mãe daquele que chama todos nós para a plena unidade no seu amor.

É com estes sentimentos que lhe renovo, Santidade, bem como a todos vós, meus amáveis hóspedes, as minhas mais cordiais boas-vindas.